



Desapareceram os principais clientes do jovem horticultor...



... que agora admite acabar com a produção de alfaces

Luís Estrela pondera acabar por completo com produção de alfaces

Outro sector que também tem vindo a registar algumas perdas com o encerramento dos vários serviços é o sector hortícola, no qual aqueles que abasteciam redes de hotéis e restaurantes, escolas, creches ou ATL vêm-se agora limitados a servir o consumidor final, como é o caso de Luís Estrela, através das suas mercearias localizadas nas Furnas, na Povoação e em Rabo de Peixe.

Assim, o empresário explica que no último mês “houve uma cessação por completo de fornecimento quer a hotéis quer a restaurantes, clientes aos quais deixámos de vender, tal como creches e ATL porque está tudo encerrado”, restando o consumidor final para o qual continua a vender.

Este facto faz então com que as quebras nas vendas se façam sentir de forma acentuada, diz, bem como a necessidade de colocar produto para o lixo, que é depois transformado em composto e incorporado no solo, “porque aquilo que era vendido para os hotéis e para os restaurantes não se vende”.

Tendo estas adversidades em conta, Luís Estrela adianta que tem vindo a colocar em perspectiva a sua forma de produzir, nomeadamente no que diz respeito à unidade intensiva de produção de alfaces de qualidade, adiantando que está “a equacionar parar por completo essa produção”.

O sistema em causa, inovador quando o começou a desenvolver por sua própria conta e risco em São Miguel, acarreta “custos constantes e diários”, tanto de energia como de fertilização, e, por isso, “apanhar quebras de facturação abruptas gera prejuízos muito grandes”, referindo ainda que apenas agora começava a ver alguma recuperação em relação última crise.

Este é, portanto, um momento que considera oportuno no que diz respeito a ponderar o modelo de negócio que pretende para o futuro da sua empresa, uma vez que estas “quebras grandes” o fazem “começar a questionar se vale a pena continuar a pro-

duzir desta maneira aqui”.

Aos restantes produtores, Luís Estrela aconselha que olhem para este momento como uma oportunidade para “pensar de forma racional e ponderada, porque há muita gente que depende deste negócio e é preciso salvaguardar essas famílias”.

Em causa, e para fazer face às adversidades actuais, está em uma reestruturação do modelo de negócio praticado ou, como diz o empresário, a necessidade de “tornar o negócio mais à prova de crises, porque as crises fazem moça”.

Por este motivo, atendendo ao principal inimigo – “a incerteza” do futuro – e à semelhança do que está a fazer, há colegas de profissão que se encontram neste momento a “equacionar mudar a sua forma de produção”, o que significa que “muita gente vai ter que equacionar o que produz ou não de forma mais sustentável porque estas crises custam muito dinheiro”.

Contudo, uma vez que estas transformações ocorreram de forma muito repentina, o empresário admite que “não é fácil ter uma linha de comércio e clientes e mudar tudo de um dia para o outro, criar sinergias e tentar valorizar o que quer que seja”.

A venda ambulante de produtos foi uma das saídas encontradas por alguns comerciantes como forma de manter o negócio a decorrer, mas no entender de Luís Estrela esta foi uma medida da qual desistiu por “não fazer sentido ter vendedores porta a porta que podem estar a espalhar doenças”.

No que a apoios diz respeito, Luís Estrela indica que caberá ao Governo Regional dos Açores reunir-se com algumas associações ou pessoas para auscultar o sector, de maneira a ficar ciente das adversidades que existem hoje, não manifestando surpresa por já existirem medidas de apoio direccionadas para a agro-pecuária.

“Geralmente, na área da horticultura, quando existem respostas estas são sempre mais tardias do que para a agro-pecuária, por isso não me admiro nada de o Governo



Luís Estrela está convencido de que a situação vai piorar nos Açores antes de melhorar

já ter uma resposta para a agro-pecuária”.

Quanto à opção das linhas de crédito, o produtor e empresário garante que “a única coisa que estas vão fazer é endividar mais os empresários” que, por sua vez, “não precisam de dívidas mas sim de apoio e de liquidez”.

A solução em causa não é original, tendo já sido oferecida aos empresários aquando da última crise económica: “Isso foi o que fizeram na última crise, quando a única coisa que se ofereceu às empresas foi linhas de crédito e planos de recuperação, e as empresas endividaram-se. Agora estão a pagar a última crise e oferecem-lhes mais dívidas”, diz.

Em relação a perspectivas que possa ter, espera que os consumidores consigam ter dinheiro para incluir produtos hortícolas e outros bens de consumo na sua alimentação, uma vez que caso isto deixe de acontecer o cenário de crise hoje vivido poderá piorar. “A partir do momento em que os consumidores deixarem de ter dinheiro para fazer o seu dia-a-dia, as pessoas que

produzem deixam de poder vender e vão falhar com os seus compromissos, tomara que consigam continuar a pagar os seus funcionários”, diz Luís Estrela.

Apesar das dificuldades que o sector atravessa actualmente, Luís Estrela afirma que a situação irá, na sua opinião, piorar antes de melhorar, e que nos próximos meses a economia regional irá começar a sentir consequências agravadas, caso as famílias deixem de ter meios de subsistência ou poder de compra.

“Acho que é um bocadinho “naive” se continuarmos a insistir que nada vai chegar cá. Eu espero que em termos de saúde pública consigamos manter a doença controlada na nossa Região, mas a nível económico acho que mais tarde ou mais cedo, nos próximos meses, vamos começar a sentir consequências de forma grave, até porque quando as pessoas deixarem de ter dinheiro para comer ou para deixarem de fazer a sua vida não será fácil”, conclui.